

BUDA

CAPÍTULO I

SAKYAMUNI BUDA

I

A VIDA DE BUDA

1. A tribo Sakya, governada pelo Rei Suddhodana Gautama, vivia na encosta sul do Himalaia, ao longo do rio Rohini. Este rei estabelecera sua capital em Kapilavastu, onde construía um grande castelo do qual governava sabiamente, conquistando assim a simpatia dos seus súditos.

A Rainha chamava-se Maya cujo pai era tio do Rei que tam-bém era soberano de um distrito vizinho, do mesmo clã Sakya.

Durante vinte anos o casal real não teve filhos. Entretanto, uma noite a Rainha Maya ficou grávida quando viu num sonho, um elefante branco entrar em seu ventre através da axila direita. Com a notícia, o Rei e o povo esperaram com incontida ansiedade o nascimento do Príncipe. Atendendo a tradição, a Rainha voltou à casa paterna para dar a luz, ficando a meio caminho nos Jardins de Lumbini para repousar, num alegre e bonito dia de primavera.

Maravilhada com a beleza das flores de Asoka (Jonesia Asoka Roxb), ela estendeu seu braço direito para apanhar um ramo e ao fazer este movimento deu à luz a um

Príncipe.

Todos manifestaram sua sincera alegria com a glória da Rainha e seu filho. Céu e Terra se regozijaram. Era o dia 8 de abril.

Sentindo um imensa alegria, o Rei chamou seu filho de Siddhartha que significa “aquele que realiza seus desejos”.

2. Contudo, no palácio real, a alegria transformouse em uma profunda tristeza, pois em seguida morria repentinamente a amável Rainha Maya; sendo o príncipe criado com carinho e dedicação por Mahaprajapati, irmã mais nova da Rainha.

Um ermitão, Asita, que vivia nas montanhas próximas, vendo um brilho ao redor do castelo e julgando isso um bom presságio, desceu até o palácio onde lhe foi apresentada a criança. Predisse então: “Este príncipe se permanecer no palácio, após a juventude, tornar-se-á um grande rei e governará o mundo todo. Porém, se abandonar a vida palaciana e abraçar a vida religiosa, tornar-se-á um Buda, o Salvador do Mundo”.

A princípio, o Rei estava contente com esta profecia, mas aos poucos começou a se preocupar com a possibilidade de seu único filho vir a deixar o palácio e tornar-se um monge errante.

Aos sete anos de idade, o Príncipe começou os estudos

em letras e artes militares, mas seus pensamentos dirigiam-se naturalmente para outras coisas. Num dia de primavera, o Príncipe e o Rei saíram do castelo e juntos observavam um agricultor ao arado. De repente, o Príncipe viu um pássaro descer ao solo e apanhar um pequeno verme revolvido pelo arado do lavrador. Entristecido, sentou-se à sombra de uma árvore e refletiu sobre o acontecido, murmurando a si mesmo:

“Oh! Por que todos os seres vivos se matam uns aos outros?”.

Ele que havia perdido sua mãe logo depois do nascimento, encontrava-se profundamente tocado pela tragédia destes pequenos seres.

Esta ferida espiritual aprofundava-se cada vez mais à medida que ele crescia. Como uma pequena escoriação em uma árvore jovem, o sofrimento da vida humana tornava-se profundamente mais patente em sua mente.

O Rei se preocupava muito toda vez que se lembrava da profecia do eremita e tentava por todos os meios divertir o príncipe e dirigir seus pensamentos para outras direções. Quando o Príncipe completou dezenove anos, o Rei arranhou-lhe o casamento com a Princesa Yashodhara, filha de Suprabuddha, o senhor do castelo Devadaha, irmão da falecida Rainha Maya.

3. Durante dez anos em diferentes palácios, um para a

primavera, um para o outono e outro para a estação chuvosa, o Príncipe viveu mergulhado nas rodas de música, danças e prazeres, mas sempre seus pensamentos voltavam para o problema do sofrimento, quando tentava, de forma melancólica, compreender o verdadeiro significado da vida humana.

“As glórias do palácio, este corpo saudável, esta alegre juventude! O que significam para mim?” – pensava ele. “Um dia, poderemos estar doentes, ficaremos velhos, da morte não há escapatória. Orgulho da juventude, orgulho da saúde, orgulho da existência- todas as pessoas sensatas deveriam deixá-los de lado”.

“Um homem lutando pela existência, procurará naturalmente auxílio. Há duas maneiras de se buscar auxílio: a correta e a errada. Procurá-lo de forma errada significa que enquanto se reconhece que a doença, a velhice e a morte são inevitáveis, busca-se ajuda entre os mesmos tipos de coisas vazias e transitórias.”

“Procurar ajuda de maneira correta, reconhecendo a verdadeira natureza da doença, velhice e da morte é buscá-la naquilo que transcende todos os sofrimentos humanos. Neste palácio vivendo uma vida de prazeres, pareço estar procurando auxílio de maneira errada.”

4. Assim, o conflito mental continuou a atormentar o espírito do Príncipe até a idade de 29 anos quando nasceu seu único filho, Rahula. Este acontecimento levou o

Príncipe a abandonar o palácio e buscar solução para sua inquietude mental na vida errante de um monge mendicante. Tomada a decisão, abandonou o castelo em companhia de seu único criado, de nome Chandaka, montado em seu cavalo branco, Kanthala.

Suas preocupações mentais não se findaram e muitos demônios o tentaram, dizendo: “Ser-lhe-ia melhor voltar ao palácio e procurar outra solução; assim todo o mundo será seu”. Todavia, ele soube silenciar os demônios com a convicção de que nada mundano poderia jamais satisfazê-lo. Assim, raspou a cabeça e dirigiu-se para o sul com uma tigela de monge mendicante na mão.

Primeiramente, o Príncipe visitou o eremita Bhagava e observou suas práticas ascéticas; depois esteve com Arada Kalama e Udraka Ramaputra, para aprender seus métodos de meditação, mas depois de praticá-los convenceu-se de que eles não poderiam conduzi-lo à Iluminação. Finalmente, foi ao país de Magadha e praticou ascetismo na floresta de Uruvela, nos bancos do rio Nairanjana, que corre perto do Palácio Gaya.

5. Seus métodos de ascetismo foram incrivelmente intensos. Estimulava-se a si mesmo com pensamento de que “Nenhum asceta do passado, do presente ou do futuro jamais praticou ou praticará exercícios tão severos quanto eu.”

Não conseguindo, porém, atingir seus objetivos, mesmo com estas severas práticas de ascetismo, o Príncipe as

abandonou após ter passado seis anos na floresta. Banhou-se no rio Nairanjana e aceitou uma tigela de leite que lhe fora oferecida por uma mulher, Sujata, que vivia numa aldeia próxima. Os cinco companheiros que durante seis anos acompanharam o Príncipe em suas práticas ascéticas, viram-no consternados aceitar leite das mãos de uma mulher; por este motivo e julgando que ele havia se degenerado, abandonaram-no à própria sorte.

Assim, o Príncipe ficou sozinho. Encontrava-se ainda combalido, mas com o risco da própria vida, iniciou um novo período de meditação com a seguinte determinação: “Mesmo que o sangue se esgote, mesmo que a carne se decomponha, mesmo que os ossos caiam em pedaços, não arredarei os pés daqui até que encontre o caminho da Iluminação.”

Foi sem dúvida uma luta intensa e incomparável! Sua mente, desesperada, abrigava pensamentos confusos, a escuridão persistia em toldá-la e ele suportou o assédio dos demônios. Mas, cuidadosa e pacientemente, conseguiu sobrepujá-los. Tão árdua foi a luta que seu sangue se diluiu, sua carne caiu em pedaços e seus ossos se partiram.

Quando a estrela d’alva despontou no oriente, a luta havia terminado e a mente do Príncipe desanuviou-se e ficou tão clara quanto a aurora. Ele havia finalmente encontrado o caminho da Iluminação, tornando-se, em 8 de dezembro, aos trinta e cinco anos de idade, um Buda.

6. A partir deste momento, o Príncipe passou a ser conhecido por diferentes nomes: uns o chamavam de Buda, o Perfeitamente Iluminado; outros, de Sakyamuni, o Sábio do Clã Sakya; outros ainda chamavam-no de Sábio do Mundo.

Primeiramente, ele foi a Mrigadava, em Varanasi, onde viviam os cinco monges mendicantes, que durante seis anos o acompanharam em sua vida ascética. A princípio eles o evitaram, mas após terem conversado, passaram a acreditar nele e se tornaram seus primeiros seguidores. A seguir, foi ao Palácio Rajagriha, onde ganhou a simpatia do Rei Bimbisara e se tornaram amigos para sempre. Daí, percorreu o país pregando seus ensinamentos.

Assim como os sedentos buscam a água para mitigar a sede e os famintos buscam o alimento, os homens a ele acorriam. Deste modo, dois grandes mestres, Sariputra e Maudgalyayana, com seus dois mil discípulos, vieram se reunir a ele.

A princípio, o pai de Buda, o Rei Suddhodana que ainda, intimamente, sofria com a decisão tomada por seu filho em deixar o palácio, não lhe deu ouvidos, mas depois tornou-se seu mais fiel discípulo; a mãe de criação de Buda, Mahaprajapati, sua esposa, a Princesa Yashodhara e assim todos os membros do clã Sakya nele acreditaram e o seguiram. E muitos outros tornaram-se seus devotados e fiéis seguidores.

7. Durante quarenta e cinco anos, Buda percorreu o país,

pregando seus ensinamentos. Aos oitenta anos de idade, em Vaisali, que ficava no seu caminho para Shravasti vindo de Rajagriha, ficou muito doente e predisse que dentro de três meses ele estaria adentrando o Nirvana. Mesmo assim, continuou sua viagem até Pava, onde, aceitando comida oferecida por um ferreiro de nome Cunda, teve sua doença agravada criticamente. Não obstante os grandes sofrimentos e fraqueza, ele prosseguiu a viagem até chegar à floresta de Kusinagara.

Ali, postado entre duas grandes árvores shala (Vatica Robusta), continuou a ministrar dedicadamente seus ensinamentos aos discípulos, até o seu último momento. Assim, com a consciência tranquila pelo dever cumprido, o maior de todos os mestres e o mais amável dos homens adentrava o almejado Nirvana.

8. Seu corpo foi cremado, em Kusinagara, por seus amigos, sob a orientação de Ananda, o discípulo favorito de Buda.

Sete governantes vizinhos e o Rei Ajatasatru, de Magadha, pediram que as cinzas fossem divididas entre eles. Como o Rei de Kusinagara a princípio não concordasse com isso, a disputa quase termina em guerra, mas com a intervenção de um homem sábio de nome Drona, a crise foi superada e as cinzas foram repartidas entre oito grandes países. As cinzas da pira funerária e os vasos contendo os restos mortais de Buda foram dados a dois outros governantes, para serem honrados e conservados como relíquia em

monumentos especialmente construídos para esse fim, chamados de “stupã”.

II

ÚLTIMO ENSINAMENTO DE BUDA

1. Estando em Kusinagara, no bosque de árvores shala, Buda ofereceu os últimos ensinamentos a seus discípulos, dizendo-lhes:

“Fazei de vós mesmos uma luz. Confiai em vós mesmos: Não dependais de mais ninguém. Fazei de meus ensinamentos a vossa luz: confiai neles; não dependais de nenhum outro ensinamento.”

“Considerai o vosso corpo; pensai em sua impureza; sabendo que a dor e o prazer são causa de sofrimento, como podeis ser coniventes com seus desejos? Considerai o vosso coração; pensai em sua inconstância; como podeis cair em ilusão e alimentar o orgulho e o egoísmo, sabendo que tudo termina em sofrimento inevitável? Considerai todas as substâncias, podeis nelas encontrar algum “eu” duradouro? Não são elas um agregado que mais cedo ou mais tarde se partirá em pedaços e se dispersará? Não vos desconcerteis com a universalidade do sofrimento, segui os meus ensinamentos, mesmo depois de minha morte e estareis livres do sofrimento. Fazei isso e sereis verdadeiramente meus discípulos.”

2. “Caros discípulos, os ensinamentos que vos dei nunca devem ser esquecidos ou abandonados. Eles deverão ser sempre entesourados, meditados e praticados! Se seguirdes estes ensinamentos, sereis sempre felizes.

O propósito destes ensinamentos é controlar vossa própria mente. Abandonai a cobiça e conservareis o corpo íntegro; a mente pura e vossas palavras serão as palavras da verdade. Se nunca esquecerdes o caráter transitório da vida, podereis resistir à ganância, à ira e podereis também evitar todos os males.

Se vossa mente for seduzida e enredada pela cobiça, deveis dominar e controlar a tentação, sede o senhor de vossa própria mente.

A mente de um homem pode fazê-lo um Buda ou uma fera. Corrompido pelo erro, torna-se um demônio; iluminado, torna-se um Buda. Controlai, portanto, vossa própria mente e não a deixeis afastar do caminho correto.”

3. “Com estes ensinamentos, deveis respeitar-vos uns aos outros e abster-vos de disputas; não deveis, como a água e o óleo, repelir-vos mutuamente, deveis, isto sim, como o leite e a água, combinar-vos.”

“Estudai juntos, aprendei juntos e praticai juntos estes ensinamentos. – Não desperdiceis vossa mente e tempo com o ódio e com a discórdia. Desfrutai das flores da Iluminação, quando ela a vós se apresentar e colhei os frutos deste

caminho correto.”

“Os ensinamentos que vos tenho dado, eu os adquiri, seguindo, por mim mesmo, o caminho da Iluminação. Deveis, portanto, segui-los e sujeitar-vos à sua essência em toda ocasião, quando ela a vós se apresentar e colhei os frutos deste caminho correto.”

“Se os negligenciais, é porque realmente nunca me encontraste. Isto significa que estais longe de mim, mesmo que estejais comigo. Porém se aceitais e praticais meus ensinamentos, então, estais bem próximo de mim, ainda que vos encontreis distante.”

4. “Caros discípulos, o meu fim está se aproximando, a nossa despedida é iminente, mas não vos lamenteis. A vida está sempre mudando e por isso ninguém pode escapar da dissolução do corpo. Esta transitoriedade vou mostrar agora, com a minha própria morte, com o meu corpo caindo em pedaços como uma carroça apodrecida.”

“Não vos lamenteis inutilmente, mas maravilhai-vos com o princípio da transitoriedade e dele aprendei a vacuidade da vida humana. Não alimenteis vãos desejos de que as coisas mutáveis se tornem imutáveis.”

“O demônio das paixões mundanas está sempre procurando ludibriar vossas mentes. Se uma víbora morar em vosso quarto, não podereis ter um sono tranquilo senão a expulsardes.”

“Deveis romper os liames das paixões mundanas e expulsá-las, assim como expulsais a víbora. Deveis, indubitavelmente, proteger o vosso coração.”

5. “Meus discípulos, é chegado o meu derradeiro momento, mas não vos esqueçais de que a morte é apenas o desaparecimento do corpo físico. Este corpo nasce de pais e se mantém com alimentos e por isso, a doença e a morte lhe são inevitáveis.

Atentai a este fato: Buda não é um corpo físico, é a Iluminação. O corpo físico perece, mas a Iluminação subsistirá para sempre na verdade do Dharma e na prática deste. Aquele que apenas vê o meu corpo não me vê realmente. Somente aquele que aceita meu ensinamento consegue me ver.

Depois da minha morte, o Dharma será o vosso mestre. Observai o Dharma e sereis fiéis a mim.

Nestes quarenta e cinco anos de vida, nada ocultei em meu ensinamento. Nele não há segredos, nenhum significado oculto, tudo vos foi aberta e claramente ensinado. Meus caros discípulos, é chegado o fim. Logo estarei entrando no Nirvana. Esta é minha última instrução.”

CAPÍTULO II

O BUDA ETERNO E GLORIFICADO

I

A SUA COMPAIXÃO E VOTOS

1. A essência de Buda é a da grande compaixão e benevolência. Sua grande compaixão o leva a salvar a todos os homens; sua benevolência o leva a afligir-se com a doença dos homens e a sofrer com o sofrimento deles.

“Vosso sofrimento é o meu sofrimento, vossa felicidade é a minha felicidade,” assim dizia Buda e, assim como toda mãe ama seu filho, Ele nunca se esquece deste sentimento mesmo por um momento sequer, pois é sua natureza ser compassivo.”

O espírito de compaixão de Buda é estimulado de acordo com as necessidades dos homens e diante desta compaixão, desperta-se no homem a fé que o leva à Iluminação. Paralelamente, uma mãe exerce sua maternidade amando o filho e este, diante do amor materno, sente-se seguro e à vontade.

Todavia os homens não entendem esta essência de Buda e continuam a sofrer com as ilusões e desejos oriundos de sua própria ignorância, sofrendo com as ações ditadas pelas paixões mundanas e perambulam entre as montanhas da

ilusão, com o pesado fardo de suas más ações.

2. Não se deve pensar que a compaixão de Buda se limita a esta vida. Não, ela é infinita e eterna, ela existe desde que a humanidade começou a se desencaminhar devido à ignorância.

O Buda eterno aparece sempre perante as pessoas nas formas mais amigáveis e traz-lhes os métodos mais sábios de alívio.

Buda Sakyamuni, nascido como Príncipe do clã Sakya, abdicou dos confortos do lar para abraçar a vida de ascetismo. Através da prática da meditação, ele alcançou a Iluminação e pregou o Dharma entre seus discípulos e finalmente o manifestou com sua morte terrena.

A obra de Buda é tão perene quanto é infundável o erro dos homens. Assim como a profundidade do erro é insondável, a compaixão de Buda não tem limites.

Quando Buda resolveu abandonar a vida palaciana e abraçar o ascetismo, fez quatro grandes votos: salvar a todos os homens; renunciar aos maus desejos; aprender todos os ensinamentos; e alcançar a perfeita Iluminação. Estes votos foram as manifestações de amor e compaixão, fundamentais à natureza de um Buda.

3. Buda educou-se primeiro em ser amável para com toda a vida animada e em evitar o erro de matar qualquer

criatura e depois, então, desejou que todos os homens pudessem conhecer a fortuna da longa vida.

Buda educou-se em evitar o adultério e com esta virtude desejou que todos os homens pudessem conhecer a fortuna de uma mente pura para que não sofressem com os desejos insatisfeitos.

Buda quando buscava seu ideal educou-se em evitar a mentira e, então, com esta virtude, desejou que os homens pudessem conhecer a tranquilidade da mente que advém com o cultivo da verdade.

Educou-se em evitar toda falsidade e desejou então que os homens pudessem desfrutar da alegria do companheirismo entre aqueles que seguiam o seu ensinamento.

Educou-se em evitar a ofensa a outrem e então desejou que todos pudessem ter a mente serena que advém do viver em paz com os outros.

Evitou as vãs conversas e então desejou que todos conhecessem a fortuna da mútua e harmoniosa compreensão.

Buda na busca de seu ideal evitou a avareza e então com esta virtude desejou que todos conhecessem a tranquilidade que advém de uma mente livre de toda a cobiça.

Evitou a ira e então desejou que todos se amassem uns aos outros.

Educou-se em evitar a ignorância e então desejou que todos pudessem entender e não negligenciar a lei da causalidade.

Assim, Buda, com sua compaixão que a todos envolve, não almeja senão a felicidade dos homens. Ele ama a todos, assim como os pais amam seus filhos e a eles desejam a mais alta fortuna, isto é, que eles possam transpor este oceano da vida e da morte.

II

A SALVAÇÃO QUE BUDA NOS OFERECE OS-MÉTODOS

1. É muito difícil para as palavras proferidas por Buda, quando obteve a Iluminação, atingirem os homens que ainda lutam neste mundo de erros. Assim, Buda retorna a este mundo e usa seus métodos de salvação.

“Contar-vos-ei agora uma parábola”, disse Buda, “Havia, certa vez, um homem rico, cuja casa se incendiou. Regressando de uma viagem, ele verificou que seus filhos, tão absortos com os brinquedos, não notaram o incêndio e permaneciam dentro de casa. O pai gritou: ‘Fujam, meus filhos; saiam da casa, rápido!’ Mas as crianças não o atenderam.”

“O pai aflito gritou novamente: ‘Meus filhos, eu lhes

trouxe brinquedos maravilhosos, saiam de casa e venham buscá-los!’ Atendendo, desta vez, a seus apelos, os filhos saíram da casa incendiada.”

Este mundo é como uma casa em chamas, contudo os homens não percebendo que a casa está ardendo, correm o perigo de morrerem queimados. Eis porque Buda, com sua compaixão, imagina meios para salvá-los.

2. “Contar-vos-ei outra parábola”, disse Buda: ‘Era uma vez, o filho único de um homem muito rico, que abandonou o lar e caiu na mais extrema pobreza. ’”

“O pai, desesperado, saiu à procura do filho. Fez o que lhe foi possível para encontrá-lo, mas tudo foi em vão.”

“Com o correr dos anos, o filho agora reduzido a misérias vagava pelas cercanias em que vivia o pai.”

“O pai reconhecendo prontamente naquele homem errante o seu filho, mandou que seus criados fossem buscá-lo, mas este, intimidado pela majestosa aparência da mansão e temendo ser por eles enganado, não os acompanhou.”

“Novamente, o pai ordenou aos criados que fossem ao filho e lhe propusessem serviço com um bom salário. Desta vez, o filho aceitou a oferta e regressou com os criados à casa paterna, tornando-se um deles.”

“O pai o foi promovendo gradualmente até fazê-lo

administrador de todas suas propriedades e tesouros. Mesmo assim, o filho ainda não reconhecia o seu próprio pai.”

“Feliz com a lealdade do filho e pressentindo a chegada da morte, o pai reuniu todos os familiares e amigos e lhes disse: ‘Meus amigos, este é o meu único filho, o filho que procurei por muitos anos. De agora em diante, todas as minhas propriedades e tesouros a ele pertencem’.”

“Surpreso e emocionado com a confissão do pai, o filho disse: ‘Não somente encontrei meu pai como também todas estas propriedades e tesouros são agora meus.’”

O homem rico, nesta parábola, representa Buda e o filho errante retrata a humanidade. A compaixão de Buda envolve a todos com o mesmo amor que um pai dedica ao filho único. Com este amor, Ele concebe os mais sábios métodos para guiar, ensinar e enriquecê-los com seus tesouros.

3. Assim como a chuva cai igualmente sobre toda a vegetação, a compaixão de Buda se estende eqüitativamente sobre todos os homens, mas como as diferentes plantas recebem da mesma chuva benefícios particulares, assim, os homens, dadas as diferentes naturezas e circunstâncias, são favorecidos por diferentes métodos.

4. Os pais amam a todos os filhos de maneira igual, mas seu amor se redobra com especial ternura para com um filho doente.

A compaixão de Buda se volta igualmente para todos os homens, mas ela se dirige com especial carinho, àqueles que por causa de sua ignorância, têm de suportar os mais pesados fardos de erros e sofrimentos.

O sol surge no oriente e dissipa as trevas do mundo, sem detrimento ou favoritismo para com determinada região. Assim, a compaixão de Buda abarca a todos, encorajando-os a seguir o caminho do bem e a evitar os labirintos do mal e desta maneira, Ele elimina as trevas da ignorância e conduz o povo à Iluminação.

Buda é ao mesmo tempo pai e mãe: pai, por sua compaixão e mãe por sua bondade. Em sua ignorância e apego aos desejos mundanos, os homens agem muitas vezes, com excessiva paixão; assim não é Buda. Ele estende igualmente sua compaixão a todos. Sem a compaixão de Buda os homens se perdem; devem receber os meios de salvação como filhos de Buda.

III

O BUDA ETERNO

1. Homens creem que Buda nasceu como Príncipe e que como monge mendicante trilhou o árduo caminho da Iluminação. Não obstante esta longa preparação, Buda sempre existiu neste mundo, que não tem nem princípio nem fim.

Como Buda Eterno, Ele conhece a natureza dos homens e procura salvá-los, usando de todos os meios.

Não há falsidade no Dharma Eterno pois Buda conhece todas as coisas do mundo como elas são e as ensina a todos os seres.

É difícil conhecer o mundo como ele é verdadeiramente pois, embora pareça real, ele não o é e embora pareça falso, ele também não o é. Os tolos não podem conhecer a verdade a respeito do mundo.

Somente Buda conhece, verdadeira e completamente, o mundo como ele é. Ele o mostra, nunca dizendo que ele é real ou falso, que é bom ou mau.

O que Buda ensina é precisamente isto: que todos os seres devem cultivar as raízes da virtude, de acordo com suas naturezas, atos ou crenças. Este ensinamento transcende a toda afirmação ou negação a respeito deste mundo.

2. Buda ensina não só através de palavras, como também através de sua vida. Embora sua vida seja infundável, Ele usa o artifício do nascimento e da morte, para ensinar os seres que cobiçam a vida eterna e para despertar-lhes a atenção.

Vejamos outra parábola, “Estando certo médico ausente de casa, seus filhos acidentalmente ingeriram veneno. Quando retornou, diagnosticou o mal e ministrou-lhes um antídoto. Alguns dos filhos levemente intoxicados, reagiram

bem ao remédio e se curaram, outros entretanto, gravemente afetados, recusaram-se a tomar a medicação.”

O médico impelido por seu amor paternal decidiu usar um método extremo para curá-los. Disse ele aos filhos: ‘Devo empreender uma longa viagem. Estou velho e morrerei um dia. Se fico aqui, posso cuidar de vocês, mas se morrer, vocês piorarão cada vez mais. Se tiverem notícias de minha morte, eu os imploro para que tomem o antídoto e se curem deste veneno sutil.’ Dito isso, iniciou viagem. Passados uns dias, ele enviou um mensageiro para comunicar-lhes sua morte.

Recebida a mensagem, os filhos ficaram profundamente chocados com a morte do pai e com a imaginação de que não mais poderiam desfrutar de seus diligentes cuidados. Lembrando-se das palavras paternas e com um sentimento de tristeza e abandono, tomaram o antídoto e se recuperaram.

Não se deve condenar a mentira deste pai médico pois Buda é como este pai: Ele também usa a alegoria da vida e da morte para salvar os homens que se veem escravizados pelos desejos.

CAPÍTULO III

A FORMA DE BUDA E SUAS VIRTUDES

I

OS TRÊS ASPECTOS DO CORPO DE BUDA

1. Não procureis conhecer Buda por Sua forma ou atributos, pois nem a forma nem suas características são o Buda real. O verdadeiro Buda é a própria Iluminação e a verdadeira maneira de conhecê-lo, é buscá-la.

Se alguém vê alguma excelente imagem de Buda e pensa que já o conhece está enganado, pois o verdadeiro Buda não pode ser representado por formas ou visto por olhos humanos. Nem se pode conhecer Buda por uma perfeita descrição de Suas características usando-se palavras humanas.

Embora falemos de Sua forma, o Buda Eterno não tem forma fixa, podendo manifestar-se de qualquer maneira. Ainda que possamos descrevê-los, o Buda Eterno não tem atributos fixos, mas pode manifestar-se em todos e quaisquer primorosos atributos.

Uma pessoa terá a capacidade de ver e conhecer o Buda se, em se observando distintamente Sua forma ou percebendo claramente suas características, a estes não se

apegar.

2. O corpo de Buda é a própria Iluminação! Sendo amorfo e sem substância, ele sempre existiu e para sempre existirá. Não é um corpo físico que deve ser nutrido. É um corpo eterno cuja substância é a sabedoria. Buda, portanto, é sem medo, sem doenças, eterno e imutável.

Sendo assim, Buda jamais desaparecerá enquanto existir Iluminação. A Iluminação surge como uma luz da Sabedoria que desperta os homens para a renovação da vida, levando-se a nascer na terra de Buda.

Aqueles que atingem esta Iluminação tornam-se filhos de Buda e passam a observar seu Dharma, exaltam seus ensinamentos e os legam para a posteridade. Nada pode ser mais extraordinário do que o poder de Buda.

3. Buda tem três aspectos: o da Essência ou Dharmakaya, o da Recompensa ou Sambhogakaya e o aspecto da Manifestação ou Nirmanakaya.

Dharmakaya é a substância do Dharma, ou seja, a substância da própria verdade. Enquanto Essência, Buda não tem forma ou cor, Ele não vem e nem vai para lugar algum. Como o céu azul, Ele abarca todas as coisas e desde que tudo tem, de nada necessita.

Ele não existe apenas porque os homens pensam que exista, nem desaparece porque dele se esquecem. Ele não

está sob nenhuma particular compulsão a aparecer, quando as pessoas estão felizes e tranquilas, nem lhe é necessário de-
lasse afastar quando estão descuidadas e indolentes. Buda trans-
cende a todos os caprichos do pensamento humano.

Em sua essência, Buda abrange todo o universo, atin-
gindo todos os lugares e existe eternamente, quer os homens
nele acreditem ou duvidem de sua existência.

4. Sambhogakaya significa que a natureza de Buda, o
todo amorfo constituído pela Compaixão e pela Sabedoria,
mani- festa-se através dos símbolos do nascimento e da
morte, atra- vés dos símbolos dos votos, da prática ascética e
da sua reve- lação, a fim de salvar a todos os seres.

Assim, imbuído da Compaixão, que é a essência deste
aspecto, Buda usa de todos os artifícios para emancipar to-
dos aqueles que estão prontos para tal emancipação. Como
o fogo que uma vez aceso, não se apaga até que o combustí-
vel se esgote, a Compaixão de Buda não vacilará, enquanto
as paixões mundanas não forem extintas. Assim como o
vento carrega o pó, a Compaixão de Buda varre a poeira do
sofri- mento humano.

Nirmanakaya, que neste aspecto que completa o alívio
oferecido pelo Buda da Recompensa, significa que Buda se
manifestou no mundo com um corpo físico e mostrou aos
homens, segundo as suas naturezas e faculdades, os aspectos
do nascimento, da renúncia a este mundo e da aquisição da
Iluminação. Neste corpo, Buda usa de todos os meios, tais

quais a doença e a morte, para guiar os homens.

A forma de Buda é originalmente Dharmakaya, mas ela se manifesta diferentemente segundo varia a natureza dos homens. Com Sua forma que se amolda aos diferentes desejos, ações e faculdades dos seres, Buda quer apenas mostrar a verdade do Dharma.

Embora Buda tenha três aspectos, Sua intenção e propósito têm um único objetivo: salvar todos os seres.

Ainda que em todas as circunstâncias, Buda se manifesta com Sua pureza, esta manifestação, entretanto, não é Buda porque este não é forma. Ele em tudo está presente, propiciando a Iluminação e como Iluminado, manifesta-se diante daqueles que são capazes de compreender a Verdade.

II

A MANIFESTAÇÃO DE BUDA

1. Raramente um Buda aparece no mundo. Quando isto acontece, Ele atinge a Iluminação, ministra o Dharma, rompe as malhas da dúvida, elimina em sua raiz os engodos dos desejos, obstrui a fonte do mal e, completamente livre, caminha à vontade neste mundo. Nada há de mais grandioso do que reverenciar Buda.

Buda surge neste mundo de sofrimento, porque Ele

não pode abandonar os seres que sofrem, pois Seu único propósito é disseminar entre eles o Dharma e protegê-los com sua Verdade.

É muito difícil ministrar-se o Dharma neste mundo cheio de injustiça e falsos padrões, um mundo que inutilmente luta com as aflições e desejos insaciáveis. Por causa de seu grande amor e compaixão, Buda arrasta estas dificuldades.

2. Buda é o bom amigo neste mundo. Se encontra um homem sofrendo com o pesado fardo das paixões mundanas, dele se compadece e com ele compartilha a carga. Se encontrar um homem sofrendo de desilusão, Ele dissipará as trevas com a luz de Sua sabedoria.

Como um bezerro que goza a vida junto à mãe e dela não se afastando, assim, aqueles que ouvirem os ensinamentos de Buda relutarão em deixá-lo, pois Seus ensinamentos lhes trazem felicidade.

3. Quando a lua se põe, costuma-se dizer que desaparece e quando desponta, aparece. Mas, na realidade, a lua não aparece nem desaparece, brilha imutavelmente no firmamento. Buda é exatamente como a lua: não aparece nem desaparece, apenas parece fazê-lo assim para que possa guiar os homens.

Costuma-se chamar uma fase da lua de lua cheia, a outra, lua crescente; mas, na realidade, a lua é perfeitamente

redonda, sem minguar nem crescer. Buda é precisamente como a lua: aos olhos dos homens, pode parecer que muda de aspeto mas, na verdade, é imutável.

A lua aparece em todos os lugares, sobre uma populosa cidade, uma sonolenta aldeia, uma montanha, sobre um rio e é vista nas profundezas de um açude, numa jarra de água, numa gota de orvalho que pende na extremidade de uma folha. Por mais que um homem caminhe, a lua o acompanha. Aos homens, a lua parece mudar, mas na realidade, é imutável. Buda é como a lua, seguindo os homens deste mundo com todas as variáveis circunstâncias, manifestando-se em aspectos vários, mas em sua essência, Ele não muda.

4. O fato de Buda aparecer e desaparecer pode ser explicado pela causalidade, isto é, ele se manifesta quando as causas e condições são propícias e uma vez cessadas estas condições, parece desaparecer deste mundo.

Quer Buda se manifeste ou desapareça, Sua essência permanece sempre a mesma. Conhecendo este princípio, devemos nos manter no caminho da Iluminação e procurar atingir a Perfeita Sabedoria, sem nos perturbarmos com as aparentes mudanças nos aspectos de Buda, nas condições do mundo ou nas flutuações do pensamento humano.

Já foi dito que Buda não é um corpo físico e sim Iluminação. Um corpo pode ser considerado como um receptáculo e se este receptáculo for preenchido com a

Iluminação, ele poderá ser considerado um Buda. Portanto, aquele que se ativer ao corpo físico de Buda e lamentar o seu desaparecimento, não será capaz de ver o verdadeiro Buda.

Na realidade, a verdadeira natureza de todas as coisas transcende às distinções entre nascimento e morte, entre início e fim, entre o bem e o mal. Todas as coisas são sem substância e homogêneas.

Tais discriminações são causadas pela errônea interpretação por parte daqueles que veem estes fenômenos. A verdadeira forma de Buda não aparece nem desaparece.

III

A VIRTUDE DE BUDA

1. Buda é respeitado no mundo por possuir cinco virtudes: uma conduta superior, um ponto de vista superior, uma perfeita sabedoria, uma habilidade superior de prática e o poder de levar os homens a praticar seus ensinamentos.

Além disso, outras oito virtudes capacitam Buda a conceder graças e felicidades aos homens: trazer benefícios imediatos ao mundo através da prática de seu ensinamento, discernir corretamente o bem do mal e o certo do errado, ensinar o caminho certo e levar os homens à Iluminação, guiar os homens a um mesmo caminho, evitar o orgulho e a ostentação; cumprir o que prometeu; dizer aquilo a que se

propôs e assim o fazendo, cumprir os votos de seu coração compassivo.

Pela prática da meditação, Buda preserva uma mente calma e tranquila, radiante de graça, compaixão, felicidade e equanimidade. Ele trata imparcialmente todos os homens, purificando suas mentes da corrupção e concedendo-lhes felicidade com a mais perfeita sinceridade de coração.

2. Buda é ao mesmo tempo pai e mãe de todos os homens. Durante dezesseis meses após o nascimento da criança, os pais falam com ela usando uma linguagem infantil e depois, gradualmente, vão lhe ensinando a falar desembaraçadamente. Como os pais terrenos, Buda primeiramente cuida dos homens, depois os deixa que se cuidem por si mesmos, então Ele lhes faz as coisas passarem de acordo com seus desejos, proporcionando-lhes com isso um tranquilo e confiante estado de ânimo.

Aquilo que Buda ensina em sua linguagem, os homens o recebem e assimilam com sua própria, como se este ensinamento fosse exclusivamente para eles.

Aquilo que Buda ensina em sua linguagem, não pode ser explicado por palavras, somente poder ser entendido através de parábolas.

Um rio é tumultuado pelo tropel de cavalos e elefantes e agitado pelos movimentos dos peixes e tartarugas, mas sua corrente flui pura e imperturbável com tais insignificâncias.

Buda é como este grande rio. Os peixes e tartarugas de outras doutrinas nadam em suas profundezas e arremetem contra sua corrente, mas em vão pois o Dharma de Buda continua a fluir puro e imper- turbável.

3. A Sabedoria de Buda sendo perfeita, afasta-se dos extremos dos preconceitos e conserva a moderação, que está acima de toda descrição. Sendo onisciente, Ele conhece os pensamentos e sentimentos dos homens e num instante compreende tudo o que se passa neste mundo.

Assim como as estrelas se refletem no mar calmo, os pensamentos, sentimentos e circunstâncias dos homens são refletidos nas profundezas da Sabedoria de Buda. Eis porque Buda é chamado de o Perfeitamente Iluminado, o Onisciente.

A Sabedoria de Buda refresca as áridas mentes dos homens, desanuviando-as e lhes ensinando o significado deste mundo, suas causas e efeitos, nascimentos e mortes. Verdadeiramente, se não fosse pela Sabedoria de Buda, que aspecto do mundo poderia ser compreendido pelos homens?

4. Buda nem sempre se manifesta como um Buda. Às vezes se manifesta como um demônio, às vezes, como uma mulher, um deus, um rei ou um estadista. Pode aparecer também em um bordel ou numa casa de jogo.

Numa epidemia, Ele se manifesta como um médico salvador ou numa guerra, Ele prega clemência e traz

conforto aos sofredores. Para aqueles que acreditam na peregridade das coisas, Ele prega a transitoriedade e incerteza. Para aqueles que são orgulhosos e egoístas, Ele prega a humildade e a abnegação e àqueles que estão emaranhados nas tramas dos prazeres mundanos, Ele revela a miséria do mundo.

Em todos os acontecimentos e ocasiões, Buda manifesta a pura essência do Dharmakaya (a natureza absoluta de Buda). Sendo assim, sua benevolência e compaixão fluem interminavelmente deste Dharmakaya, proporcionando salvação à humanidade.

5. O mundo é como uma casa em chamas que está sendo sempre destruída e reconstruída. Os homens, embaraçados pelas trevas da ignorância, desperdiçam suas mentes na ira, descontentamento, ciúme, preconceitos e paixões mundanas. Eles são como crianças precisando de uma mãe, assim todos dependem do conforto de Buda.

Buda é o pai de todo mundo e todos os seres humanos são filhos de Buda, sendo Ele a mais venerável das deidades. O mundo se consome com as chamas da decrepitude e da morte, havendo sofrimento por toda parte, mas, absortos na vã procura dos prazeres mundanos, os homens não conseguem compreender totalmente a causa dos sofrimentos.

Vendo que o palácio do prazer era realmente uma casa em chamas, Buda o abandonou e buscou refúgio e paz na floresta tranquila. Ali, na solidão e silêncio, adquiriu um

grande coração compassivo e concluiu: “Este mundo de inconstância e sofrimento é o meu mundo. Estes homens tolos e descuidados são meus filhos e somente eu posso salvá-los de sua ilusão e miséria”.

Sendo o grande rei do Dharma, Buda ministra seus ensinamentos a todos como e quando lhe aprouver. Ele se manifesta neste mundo pregando o Dharma para proteger os homens e para salvá-los do sofrimento, mas eles são descuidados e seus ouvidos estão entorpecidos pela cobiça.

Contudo, aqueles que ouvem e praticam Seus ensinamentos estão livres das desilusões e misérias da vida. “Os homens – dizia Ele – não podem ser salvos confiando em sua própria sabedoria e apenas através da fé podem assumir meu ensinamento. Deve-se, portanto, ouvir ao ensinamento de Buda e pô-lo em prática.”

